

UMA “QUESTÃO LITERÁRIA” NO *VIRIDARIUM* DE FRANCISCO MENDOÇA SJ (1632). TENTANDO COMPREENDER A CRIAÇÃO POÉTICA

A “LITERARY ISSUE” IN FRANCISCO MENDOÇA SJ’S *VIRIDARIUM* (1632). TRYING TO UNDERSTAND POETIC CREATION

VERA GONÇALVES

LICENCIADA EM ESTUDOS CLÁSSICOS PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
VERARAQUEL2010@HOTMAIL.COM

51

TEXTO RECEBIDO EM / TEXTO SUBMITTED ON: 29/11/2021

TEXTO APROVADO EM / TEXTO APPROVED ON: 22/11/2023

Resumo: O presente estudo será iniciado pela tradução do capítulo VI (*Horatius illustratus in poetarum gratiam lib. 4. Od.2*) da *Saturnaliorum decas VIII* do *Liber VIII* do *Viridarium* de Francisco Mendoça, seguida por uma reflexão acerca da obra e do autor. Num segundo momento será feita uma ponderação sobre a presença dos autores clássicos no *curriculum* das escolas jesuíticas, usando como exemplo a ligação entre a imagem do trabalho da abelha e o processo de criação poética feita nas obras de Horácio, Platão, Lucrecio e do humanista Marc Antoine Muret.

Palavras-chave: Ensino Jesuítico, Horácio, Francisco Mendoça, Humanismo.

Abstract: The present study will begin with the translation of chapter VI (*Horatius illustratus in poetarum gratiam lib. 4. Od.2*) of the *Saturnaliorum decas VIII in Liber VIII* in Francisco Mendoça's *Viridarium*, followed by a reflection upon the book and the author. Secondly, we will ponder on the presence of classical authors in Jesuit schools, using as an example the connection between a bee's role and the process of poetic creation made in the works of Horatius, Plato, Lucretius, and the humanist Marc Antoine Muret.

Keywords: Jesuitical Teaching, Horace, Francisco Mendoça, Humanism.

Horatius illustratus in poetarum gratiam lib. 4. Od.2

Horatii illud decantatissimum, odarum lib. 4. Od.2. obiter notarim. Ita ille,
“ego apīs Matinae

More, modoque

Grata carpentis thyma per laborem

plurimum, circa nemus, viuidique

Tiburis ripas, operosa paruus

Carmina Fingo”. Pindari carminas uauissima

Vbi Lyrius¹ postquam Pindarum honorifice admodum cygno similem fecit, se ipsum apiculæ, poesimque suam melleficio comparauit quod mihi non humile solum opificium, et carminis abiectum genus insinuat, sed multo etiam probabilius festiuitatem, morem, et naturam poetarum. Facit illud ex Platone in Ione. Plato. Poeta apes.

Nobis enim poetæ dicunt se a fontibus, quibus mel scaturit, haurientes, et a Musarum uiridariis, collibusque decerpentes ad nos carmina transfere: quem admodum apes mel ex floribus, et instar apum uolare se asserunt. Haec Plato.

¹ Abordaremos “Lyrius” como um erro cometido pelo impressor responsável por esta edição, uma vez que na linha 14 temos o nominativo plural “Lyrici” e porque na edição de Colônia, de 1650, encontramos a palavra “Lyricus”, que podemos considerar uma correção posterior.

Quae an semper Lyrici versiculis concinnant, esto iudex. Boni autem poetae per hortos Gratiarum uagantes, et ex his dulcissimum quodque carpentes, ea concinunt carmina, ut illis ne mel quidem ipsum mellitius uideri possit. Pulchre Lucretius,

“Floriferis ut apes in saltibus omnia libant, omnia nos item depascimur aurea dicta.” *Lucretius*

In poetis praeualet natura potius, quam ars *Sed cur poetae apibus comparentur, iure optimo rogas? Paucis satisfacio. Primo, quia apes naturam, non artem sequuntur: Sic poetae natura, non arte ualent, de qua re alibi. Secundo, quia apes nisi irritentur, innocuae sunt, irritate uero infigunt culeos. Idem poetis ingenium ubi non laeduntur, nulla hominum natio innocentior, lacessiti ita ulciscuntur, ut uel ad mortem adigant.* *Poetarum stimulus. Muretus.*

Nam praeter id quod de Archilo legimus, et nos alibi diximus, testatur Muretus² lib. 8, uariarum cap.1 fuisse aetate poetam qui tam seueris uersibus inimicum praestrinxit, ut prae dolore interierit. Poetae ipsi fatentur et iactant, quorum illa sunt,

*“Caue, caue, namque in malos asperrimus
Parata tollo cornua”.*

Item,

*“Ne quisquam noceat cupido Mihi pacis: at ille,
qui me commorit, melius tangere clamo flebit,
Et insignis tota cantabitur urbe”.*³

Tradução:

Horácio explicado em favor dos poetas no livro 4, ode 2

Notaria de passagem aquele celebradíssimo excerto de Horácio na ode segunda do livro quarto das odes. Assim [disse] ele,

“Eu, pequeno, à maneira e à medida da abelha Matina, que colhe o grato tomilho com muito trabalho à volta da floresta e das margens do Tibre caudaloso, produz laboriosos poemas”. *Os dulcíssimos poemas de Píndaro*

² Marc Antoine Muret (12 de abril de 1526 – 4 de junho de 1585).

³ Mendoça 1632: 301. Na transcrição conservámos a ortografia original.

Quando o [poeta] lírico⁴, de forma bastante honrosa, equiparou Píndaro a um cisne, e a si próprio à abelha, comparou também a sua poesia à produção de mel. Com o que, para mim, não só quer significar um ofício humilde e um gênero humilde de poesia, mas muito mais provavelmente quer significar a graça, o costume e a natureza dos poetas. Faz isso partindo de Platão, no *Íon*.

Platão. O poeta como abelha. Pois os poetas dizem-nos que é bebendo das fontes, de onde brota o mel, e colhendo do jardim e das colinas das Musas, que nos oferecem a poesia, e do mesmo modo que as abelhas colhem o mel das flores, também eles voam como elas. Isto é o que diz Platão. Os poetas líricos não dizem sempre isto nos versos? “Sê tu próprio o juiz”. Porém os bons poetas vagueando pelos jardins das Graças e deles colhendo algo de mais doce, compõem estes versos, de tal modo quenem o próprio mel lhes possa parecer mais doce. Lucrécio disse de forma muito bela,

“tal como as abelhas tudo colhem nos prados floridos
assim também nós nos alimentamos de todos os áureos ditos”. Lucrécio

54

Nos poetas prevalece a natureza mais do que a arte Mas porque é que os poetas são comparados às abelhas? Perguntas e com razão. Em poucas palavras eu explico. Em primeiro lugar, porque as abelhas seguem a natureza e não a arte: assim também os poetas triunfam pela natureza, não pela arte, matéria acerca da qual falo noutro passo. Em segundo lugar, porque as abelhas, se não forem provocadas, são inofensivas, porém quando são irritadas, espetam o seu ferrão. Assim [é] o gênio dos poetas: quando não são provocados, não há nação de homens mais inocente; quando provocados, de tal forma se vingam que podem levar à morte. O incentivo dos poetas. Muret

De facto, além do que já lemos acerca de Arquíloco, e dissemos noutra passagem, Muret afirma no capítulo primeiro do livro oitavo das Lições Várias que na vida foi poeta e que atingiu o inimigo com versos tão severos que quase o matou de dor. Os próprios poetas confessam e se orgulham destas palavras,

4 Referência a Horácio.

“tem cuidado, tem cuidado, pois eu, furioso, contra os perversos ergo os chifres preparados”.

Ou ainda,

“A mim, desejoso de paz, ninguém me faça mal: mas esse, aquele que me tiver magoado, eu digo, era melhor que não me tocasse, irá chorar e, difamado, será falado por toda a cidade.”

O excerto apresentado e traduzido foi retirado de um dos capítulos do *Viridarium Sacrae ac profanae eruditionis A P. Francisco de Mendonça Olyssiponensi, S.I., Doctore theologo [...] satum et excultum, Posthuma proles, Lugduni* ou, como referiremos ao longo deste estudo, o *Viridarium*. Publicada a título póstumo, esta obra do padre Francisco de Mendonça, membro da Companhia de Jesus, obteve sucesso no meio intelectual do século XVII e continua a ser relevante nos nossos dias.

Mendonça nasceu em Lisboa com o nome de Francisco da Costa e iniciou os seus estudos no Colégio jesuíta de Santo Antão. Fugiu de casa aos 14 anos e entrou no noviciado de Coimbra em 1587. Ensinou retórica em Lisboa, filosofia em Coimbra e Sagrada Escritura em Évora. Após a morte inesperada do Padre Mendonça em Lyon, quando regressava de Roma, um antigo discípulo dele, o Padre Francisco Machado, recebeu dos superiores o encargo de reunir e publicar os seus escritos latinos. Daí resultou esta obra enciclopédica, em cujo título se encontra a indicação: *posthuma proles*. Ao gosto da época, o longo título fornece várias informações sobre a estrutura da obra, a começar pelo próprio termo *viridarium*, uma palavra latina que designa “jardim” ou “parque” e remete para a escolha do Padre Francisco Machado de organizar os diferentes campos do saber em “canteiros” de flores. A metáfora do jardim é ainda realçada pela descrição da obra como “*satum*” (semeada) e “*excultum*” (cultivada). Como escreve Miranda Urbano, o editor desta obra “continuando uma tradição ‘jesuítica’ que explora o poder educativo do discurso simbólico, apropria-se da metáfora do jardim

como forma de interpretação do mundo que, à altura, era uma obra perfeita, organizada, coerente: a criação, que só podia revelar e espelhar a perfeição, ordem e beleza do Criador⁵”. Este *Viridarium* foi escrito com o objetivo de instruir e ensinar os seus leitores, oferecendo-lhes tópicos tão diversos que englobavam tanto o sagrado como o profano (*sacrae ac profanae eruditionis*). Arnaldo do Espírito-Santo realça, no seu estudo *O Viridarium de Francisco de Mendonça, S. J. Apresentação de uma obra injustamente esquecida*, que esta obra apresenta um estilo de escrita característico, que o investigador descreve como sendo “cristão nos valores, clássico na erudição retórica”, afirmando sempre a superioridade do humanismo cristão face à cultura antiga, com forte influência do estilo barroco.⁶

A obra encontra-se dividida em IX Livros e estes estão divididos em vários *Problemata* (problemas), inspirando-se no modelo discursivo dialético, que apresenta vários argumentos a favor e contra a tese proposta. O livro I, *Flores Sacri* (título que partilha com os dois livros seguintes) apresenta dez *Pervigilia*, ou seja, dez “discursos homiléticos pronunciados na Vigília de Natal em ambiente académico”⁷; o livro II é formado por dez questões mariológicas; o livro III apresenta vários debates em torno da cultura dos padres da Igreja e de São Paulo, que Mendonça apresenta como modelo do orador cristão; o livro IV intitula-se *De Floribus Philosophiae* e aborda questões de Filosofia; o livro V chama-se *Flores Varii* e, como o nome nos indica, fala sobre variados assuntos como, por exemplo, se é ou não um absurdo escrever para os mortos; o livro VI, *Flores Eloquentiae*, onde o autor instrui o leitor na oratória; o livro VII, *Flores Rhetoricae*, onde o autor expõe os seus ensinamentos sobre retórica; livro VIII, *Flores Humaniorum*, que apresenta as flores das Humanidades; por fim, o livro IX intitula-se

5 Urbano 2017: 406.

6 Santo 2013: 14.

7 Santo 2013: 17.

Flores Poetici. Entre os livros apenas muda o assunto abordado, pois o método discursivo e a exposição mantêm-se iguais. No livro VIII, onde se encontra o excerto que traduzimos neste estudo, o professor fornece aos estudantes vários temas literários, que foram comentados pelos autores clássicos. Assim, comenta-os, simula debates, apresenta argumentos contra e a favor e estabelece relações entre eles.

Com o objetivo de instruir o aluno no ensino das humanidades, o autor irá integrar citações e comentários a vários autores clássicos, que ele considerava essenciais para a formação de qualquer humanista, entre os quais podemos encontrar Aristóteles e Cícero ou, como podemos observar no excerto que vamos estudar, o poeta Horácio.

Horácio deixou a sua marca na literatura latina não só por ter introduzido em Roma a vitalidade da poesia alexandrina⁸, mas também por ter adaptado conceitos gregos aos tradicionais padrões da sobriedade romana. Como Maria do Céu Fialho escreve, o estilo de Horácio caracteriza-se pela oposição entre ocupações e profissões marcadas pela insatisfação e o que ele considera como vida beata e pela propaganda de uma vida serena, privada de excesso, em que a amizade é considerada o maior bem⁹.

Hoje sabemos, não só através dos manuais de ensino de autores humanistas, mas também pelo célebre programa de estudos, a *Ratio Studiorum*, que Horácio era um dos autores estudados nos colégios jesuítas. Como podemos ver nas Regras para o Professor de Humanidades (Regra XVII), “de entre os poetas, privilegiar-se-á Virgílio (...) dar-se-ão também algumas odes escolhidas de Horácio (...)”¹⁰.

Iris Aparecida Storer Di Piero escreve que a “*Ratio Studiorum* foi uma resposta às necessidades de unificação de uma metodologia educativa”, principalmente devido ao facto de a Companhia de Jesus

8 Mota 2016: 2.

9 Fialho 2009: 125.

10 Miranda 2010: 212.

se ter expandido pelo mundo e se ter deparado com diversas culturas, línguas e modos de ser.¹¹ A obra, que contempla três ciclos de estudos (humanidades, filosofia e teologia) oferece uma educação interdisciplinar. Apresenta um tipo de ensino inovador pois, apesar de ter uma forte influência aristotélica, introduz e valoriza o saber humanista, apresentando um conhecimento que é tanto humanista como filosófico-científico. Os estudos das humanidades, no entanto, assemelhavam-se à concepção da palavra grega *paideia*, que se referia à formação humana integral e ao processo que a ela conduzia. A *Ratio Studiorum* estava baseada em três princípios: a autoridade (a instrução exerce-se em nome de Deus); a adaptação (o ensino devia adaptar-se a cada aluno) e a interatividade (os assuntos lecionados deveriam cativar a atenção e o interesse dos alunos com o objetivo de eles participarem). A *Ratio Studiorum* desenvolveu-se por cerca de cinquenta anos, tendo a sua versão definitiva apenas em 1599 e a própria palavra *Ratio*, cuja tradução mais apropriada é “ordem”, remete para a essência principal da obra: ser a “sistematização, organização e método de estudos dos Colégios e Universidades da Companhia de Jesus”¹². Foi adotado como programa educativo pelos jesuítas no século XVI e apenas perde a sua importância no século XIX. Este saber humanista incluía a gramática, a retórica, teatro e leitura de autores pagãos que contribuíam “para o primado da palavra falada e escrita, que era um aspeto prestigiante da formação”¹³ que seria complementado pelos exercícios pedagógicos fortemente inspirados pelo “*modus parisiensis*”. Dentro deste ciclo de estudos, que procurava, através da formação de um orador, formar um homem de Estado, capaz de participar na *Res Publica*, a retórica ocupava claramente um lugar privilegiado¹⁴ pois procurava apurar o

58

11 Di Piero 2018: 19.

12 Di Piero 2018: 58.

13 Ernesto 2020: 210.

14 Miranda 2013: 190.

sentido crítico para preparar qualquer homem para intervir em nome do bem comum. Como Margarida Miranda escreve, “a *eloquentia perfecta* começava com o estudo da Gramática” que se baseava na leitura e comentário dos autores clássicos, onde Cícero tinha um papel privilegiado¹⁵.

É neste contexto que se insere o Capítulo VI do Livro VIII (*Humaniorum literarum*) do *Viridarium*, cujo título é *Horatius illustratus in poetarum gratiam lib.4 od. 2* (Horácio explicado em favor dos poetas no livro 4, ode 2). Neste excerto, o autor decide fazer um comentário à Ode 2 do Livro 4 das Odes de Horácio, que ele descreve com o superlativo *decantatissimum* (celebradíssimo). O autor começa a sua abordagem citando uma passagem da Ode 2 de Horácio “eu, pequeno, à maneira e à medida da abelha Matina, que colhe o grato tomilho com muito trabalho à volta da floresta e das margens do Tibre caudaloso, elaboro laboriosos poemas”¹⁶. Esta passagem é significativa pois irá introduzir o comentário do autor ao simbolismo da abelha e à sua ligação com a poesia, tema que irá acompanhar todo este capítulo e que o autor irá completar com passagens de outros autores. A figura da abelha é um *topos* que está presente na poesia de Horácio, principalmente na dicotomia abelha-cisne. Os antigos viam o cisne como um animal dotado de uma bela voz, capaz de migrar para longas distâncias. Como ave de Apolo, não precisa de ser útil, basta-lhe ser belo. A abelha não tem a mesma beleza que o cisne nem consegue voar para tão grandes distâncias, estando assim limitada a voar perto do chão e trabalha para sobreviver, destacando-se pela sua utilidade.

Esta dicotomia surge a propósito do facto de a ode 2 do livro 4 ter sido pedida por Iullus Antonius, filho de Marco António, a quem Horácio se dirige no segundo verso da ode, e teria como propósito principal igualar o estilo literário de Píndaro. Horácio toma uma atitude que merece ser ressaltada, a *recusatio*. A *recusatio* é um recurso

15 Miranda 2013: 191.

16 Mendonça 1632: 301.

60 muito usado pelos autores alexandrinos no qual o poeta recusa uma proposta que lhe é feita. No entanto, esta recusa não passa de um recurso literário, não podendo ser levada à letra, já que a ode 2 está submersa em referências ao estilo e métrica de Píndaro.¹⁷ O *topos* da *recusatio* serve aqui meramente para Horácio exprimir a sua posição de poeta que conhece as limitações de se igualar a alguém como Píndaro e esta ideia fica clara logo na primeira estrofe, quando ele compara a tentativa de se igualar a Píndaro à queda de Ícaro, filho de Dédalo, arquiteto do labirinto de Creta. Quando pai e filho, presos neste labirinto, tentam libertar-se, com o auxílio de asas fabricadas em cera. Ícaro não segue o conselho do pai, aproxima-se demasiado do sol e, derretendo-se as asas, precipita-se no mar. Compara-se também a um *uitulus* (vitelo) que, embora se torne independente da sua mãe, dela descende. Podemos agora compreender a relação abelha-cisne: Horácio é uma abelha e Píndaro é um cisne. Píndaro é grandioso e inigualável e Horácio é a modesta abelha que, nos seus versos, procura incorporar referências a ele de forma subtil.¹⁸ Esta comparação ganha ainda mais relevo se tivermos em consideração que, segundo uma fábula, quando Píndaro era criança, as abelhas entravam na sua boca e colhiam nela a doçura do canto. Da mesma forma também Horácio colhe o “mel” na obra de Píndaro e escreve esta ode.¹⁹

O autor do *Viridarium* realça esta humildade de Horácio e remete em seguida para a ligação entre criação poética e produção de mel presente no Íon de Platão. O autor faz uma adaptação para latim do parágrafo 534b desta obra, onde Sócrates afirma que os poetas nos oferecem os poemas “bebendo das fontes, de onde brota o mel, e colhendo do jardim e das colinas das Musas”.²⁰ Os poetas “voam”

17 Viana 2012: 136.

18 Viana 2012: 135.

19 Medeiros 2001: 224.

20 Jabouille 1988: 52.

como as abelhas e colhem o que existe de mais doce nos jardins das Musas “de tal modo que nem o próprio mel lhes possa parecer mais doce”. Este passo de Platão remete para duas ideias importantes: a semelhança entre abelhas e poetas, que já tivemos oportunidade de explorar e o papel das Musas na criação poética. Ao colocar em diálogo Sócrates e o rapsodo Íon, Platão apresenta a ideia de que o poeta não está em si quando compõe, pois, ao beber das fontes de leite e mel, é tomado pelo *enthousiasmos* (possessão divina) das Musas. Esta ideia é reforçada quando, na obra, Sócrates afirma que “os belos poemas não são efeito da arte como atividade humana, mas da ação dos deuses que habitam no poeta”²¹ É possível ainda observar a ligação entre a figura da abelha e o estado de possessão que toma conta do poeta, no Hino Homérico IV, dedicado a Hermes, onde são referidas três donzelas “dotadas de asas velozes” (v.553) que, após consumirem mel, entram num transe propício para “revelar a verdade” (vv.560-561). Esta ideia do poeta como alguém que profetiza está presente na própria palavra *uates* que em latim significa tanto poeta como adivinho, exprimindo o estatuto semidivino do poeta no mundo antigo, como o mortal que pode ser intermediário entre os deuses e os homens, aquele que sabe algo mais que os simples mortais²².

Francisco de Mendoça menciona ainda um excerto da obra *De rerum natura* de Lucrécio e escreve “*Tal como as abelhas tudo colhem nos prados floridos assim também nós nos alimentamos de todos os áureos ditos*”²³. Esta citação foi retirada do livro III, nos versos iniciais, onde Lucrécio, ao falar de Epicuro e, depois de enaltecer o talento deste e mostrar a sua intenção de imitá-lo, escreve “Tu, ó pai, és o descobridor da verdade, tu nos dás paternais preceitos e, tal como as abelhas nos vales floridos tudo libam, assim também nós nos teus escritos, ó

21 Ferreira 2009: 514.

22 Ferreira 2009: 511.

23 Mendoça 1632: 302.

preclaro, colhemos todos os teus ditos de ouro, de ouro e digníssimos de sempiterna vida (..) ”²⁴.

A partir da linha 170, o autor dirige-se diretamente ao leitor e começa a explicar o porquê de os poetas serem tão frequentemente comparados a abelhas. Para começar, invoca um tópico muito abordado pelos autores clássicos: a natureza *versus* arte, que aprofundará noutro capítulo do *Viridarium*. No capítulo que nos dedicámos a estudar, Mendoça menciona apenas que os poetas, tal como as abelhas, seguem a natureza e não a arte. A segunda razão é o facto de ambos serem inofensivos, mas, quando provocados, serem tão perigosos que podem levar à morte. Como exemplo, o autor menciona um humanista, Marc Antoine Muret, que afirma na sua obra *Variarum lectionum libri* que, através da sua poesia, causou tanta dor ao inimigo que quase o levou à morte (“*Apes, nisi iritentur, innocuae sunt: irritatae figunt aculeis eos a quibus laesae sunt, et acerbissimos eis dolores infligunt idem poetas ingenium. Nulla, ubi non laeduntur, innocentior hominum natio.*”²⁵) Segundo Francisco de Mendoça, “os próprios poetas confessam e orgulham-se destas palavras” e, para comprovar esta ideia, vai retomar os versos de Horácio, desta vez das *Sátiras*: “*Tem cuidado, tem cuidado, pois eu, furioso, contra os perversos / ergo os chifres preparados*” e “*A mim, desejo de paz, ninguém me faça mal: mas esse, aquele que me tiver magoado, eu digo, era melhor que não me tocasse, irá chorar e, difamado, será falado por toda a cidade*”. Não deixa de ser curioso o facto de o mestre Francisco Mendoça fazer referência a esta faceta menos simpática dos poetas, que, tal como as abelhas, podem usar o seu ferrão. Os poetas são, em princípio, pacíficos, são a raça mais inocente, se não forem provocados, mas se alguém lhes fizer mal, o seu poder no uso da palavra pode ser corrosivo. É esta a segunda razão pela qual os poetas são comparados às abelhas e cito:

24 Lucrécio 2015.

25 Muretus 1559: 278-279.

Em segundo lugar, porque as abelhas, se não forem provocadas, são inofensivas, porém quando são irritadas, espetam o seu ferrão. Assim [é] o génio dos poetas: quando não são provocados, não há nação de homens mais inocente, quando provocados, de tal forma se vingam que podem levar à morte.

Em modo de conclusão, os jesuítas promoveram nos seus colégios o estudo dos autores clássicos para ajudar a formar cristãos eruditos, e para os transformar em membros ativos da sociedade, capazes de convencer através da palavra e oferecendo-lhes um desenvolvimento moral que levava o indivíduo a agir pelo bem comum. Um dos principais objetivos era formar homens que tivessem elevados conhecimentos não só de literatura, história, geografia e artes mas também de matemática, astronomia e das restantes ciências naturais. Américo da Costa Ramalho na obra *Para a História do Humanismo em Portugal*, oferece-nos um exemplo claro que comprova que Horácio era um dos autores privilegiados para este propósito ao referir uma carta escrita por Cataldo a D. João II onde o humanista escreve “*Filius interea non praetermittat Horati Quotidiecentum carmina construere*” (Que teu filho, entretanto, não deixe de preparar todos os dias cem versos de Horácio). Recorde-se que Cataldo Parísio Sículo foi o introdutor do Humanismo italiano em Portugal nos finais do séc. XV e em muitas cartas e outros escritos defende a importância do contacto direto com os autores clássicos na formação das *litterae humaniores*. Na reforma do ensino e dos estudos universitários promovida por D. João III, o modelo humanista permanece com toda a importância dada aos clássicos, nomeadamente no ensino dos jesuítas, como se torna visível nesta obra de que aqui estudámos uma pequena parte. Este é mais um exemplo da presença de Horácio nos autores humanistas e nos programas escolares dos Colégios universitários de Coimbra e pode ser encontrado no *Viridarium* de Francisco de Mendoça, onde se explora o simbolismo da abelha em vários autores clássicos, sendo o ponto de partida a Ode 2 do livro 4 das *Odes* de Horácio.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

Lucrecio (2015), *Da natureza das coisas*. Tradução (do latim), introdução e notas de Luís Manuel Gaspar Cerqueira, Lisboa.

Mendoça, F. (1632), *Viridarium Sacrae ac profanae eruditionis A P. Francisco de Mendoça Olyssiponensi, S.I., Doctore theologo [...] satum et excultum, Posthuma proles*, Lugduni.

Platão (1988), *Íon*. Introdução, tradução e notas de Victor Jabouille, Lisboa.

ESTUDOS

Barbosa, M. de Sousa (2006), “Teatro jesuítico e estética barroca: o testemunho dum drama truncado, anónimo e sem título”, in Sebastião Pinho (coord.), *Teatro neolatino em Portugal no contexto da Europa: 450 anos de Diogo de Teive*, Coimbra.

Bauzá, H. (2009), “Horacio y el tópos de la gloria poética” *Horácio e a sua peregrinação*, Coimbra.

Colen, J. (2013), “Arte e loucura. O Íon de Platão”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Filosofia* 30, 7-31.

Di Piero, I. (2008), *Ratio Studiorum, Educação e Ciência nos Séculos XVI e XVII: matemática nos colégios e na vida*, Piracicaba, SP.

Ferreira, T. (2009), “Mel, musas e inspiração poética: o Íon platónico”, *Biblos* 7: 509-521.

Fialho, M. do Céu (2009), *Horácio: Ética e Ars Poetica*, Coimbra.

Martins, E. C. (2020). “Os espaços e a organização escolar num colégio Português dos Jesuítas (Colégio de S. Fiel -1863-1910)”. *Educação Em Foco*, 23 (40): 207-227.

Medeiros, W. de (2001), “Entre o cirne e a abelha. A «Recusatio» Horaciana do Lirismo Sublime”, *Humanitas* 53: 219-224.

- Miranda, M. (2010), *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus*, Lisboa.
- Miranda, M. (2013), “Quando os Jesuítas eram mestres da palavra: a retórica segundo a *ratio studiorum*”, *Humanitas* 65: 187-204.
- Mota, A. J. (2016), “Horácio: poeta e crítico social”, *Revista do GELNE* 4, n. 2:1-5.
- Muretus, M. A. (1559), *Variarum lectionum libri VIII*, ex officina Jordani Zilleti.
- Ramalho, A. da Costa (2013), “Nótula Horaciana” in id., *Para a História do Humanismo em Portugal*, Vol. V, Coimbra, 101- 106.
- Santo, A. (2013), “O *Viridarium* de Francisco de Mendonça, S.J.: Apresentação de uma obra injustamente esquecida” in Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza (coords.), *Património Textual e Humanidades Digitais. Da Antiga à Nova Filologia*, Évora.
- Urbano, C. Miranda (2017), “O Mundo como jardim: o *Viridarium* do P. Francisco de Mendonça SJ, diversidade na unidade do saber”, in Nair Castro Soares e Cláudia Teixeira (coords.), *Legado clássico no Renascimento e sua receção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*, Coimbra.
- Urbano, C. Miranda (2013), “As aulas e os problemas de filosofia natural do P. Francisco Mendonça SJ”. *Humanitas* 55: 205-218.
- Viana, M. (2012), “Píndaro e Horácio face a face”, in Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrocínio (coords.), *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas: Vol.1 Línguas e Literaturas: Grécia e Roma*, Coimbra.

